

# MISSES, EMPRESÁRIAS E FAMOSAS: FAZENDO DA ATIVIDADE UMA DISTINÇÃO

## “MISS”, ENTREPREUNERS AND THE FAMOUS: MAKING A DISTINCTION OF THE ACTIVITY

### Resumo

Este artigo tem como objetivo destacar algumas biografias de travestis brasileiras ouvidas em Recife e em Madri, sobre suas experiências internacionais e nacionais. As falas indicam histórias de sucesso que remetem diretamente ao prestígio, reconhecimento, que adquirem em seu lugar de origem, a partir do momento em que conquistam outros mundos, seja este o do trabalho reconhecido e almejado pela maioria, ou mesmo o acesso à Europa, com participação em concursos de beleza internacional. Vale salientar que a grande maioria das entrevistadas se dedica à prostituição como forma de ocupação e trabalho, o que traz ambíguas interpretações.

**Palavras-chave:** Travestis. Ocupação e trabalho. Prostituição. Distinção.

### Abstract

This article aims to highlight biographies of Brazilian transvestites (who were interviewed in Recife, or in Madrid) on their national and international experiences. The conversations tell success stories that refer directly to the prestige, and recognition acquired at home from the moment that one conquers other worlds, be it a work that is widely recognized and desired, or access to Europe and participation in international beauty pageants. It is noteworthy that the vast majority of respondents engage in prostitution as a form of employment and work, which has ambiguous interpretations.

**Keywords:** Transvestites. Occupation and work. Prostitution. Distinction.

---

### Maria Cecília Patrício

Professora das Faculdades Joaquim Nabuco e Decisão, Pernambuco. Pesquisadora do Núcleo de pesquisa em Gênero – NUPEGE – UFRPE. email: mcecpatricio@yahoo.com.br

## As famosas do Recife: Aleika, Ellen e Elaine

Aleika ganhou o concurso de *Miss Brasil Transex* em 2002 e o segundo lugar no *Miss Internacional Queen* 2007, na Tailândia (MIQ 2007). Antes disso, conquistou o *Miss Gay*, em Pernambuco, em 1988, e o *Miss Norte e Nordeste*, em 1999<sup>1</sup>, na Paraíba<sup>2</sup>. Para participar de seu último concurso, na Tailândia, estudou inglês por quase um ano. No mesmo ano de 2007, Cris Couto obteve um título parecido em Madri, embora de menor amplitude em termos de preparativos, visibilidade e prêmios.

Aleika se tornou uma das grandes amigas de Ellen, sócia-proprietária de locadoras eróticas de vídeo e *Sex Shop* na cidade do Recife. Ambas são atendidas ocasionalmente por Elaine, enfermeira, concursada em dois dos maiores e mais importantes hospitais públicos da Região. Elaine modificou seu corpo apenas depois de passar pelo estágio probatório, o que lhe garante não precisar do *trottoir* para seu sustento. Ellen iniciou seu curso de Biologia na Universidade Católica de Pernambuco, e embora não o tenha concluído, por ter resolvido “tentar a vida” na Itália, ainda se preocupa em retornar aos estudos, o que a diferencia de outras travestis na cidade.

Aleika também deseja continuar os estudos, mas pensa em Jornalismo, o que acredita poder lhe garantir voz no meio LGBT no Estado. Elaine estuda o castelhano para tentar o doutorado na Espanha, o que conseguirá assim que puder conciliar o projeto Europa com uma licença nos hospitais, pois, segundo explica:

...isso me motiva muito, assim, o fato de eu tá (...) inclusa na sociedade, produzindo. Mas, que eu tenho

1 Dados encontrados no site, blog: <www.casadamaite.com.br>; <www.aleikasandria.blogspot.com>.

2 Nos concursos de categorias Gays, travestis e transexuais não é necessário ser natural de determinado estado ou país para representar o local, por isso Aleika representou a Paraíba e conseguiu o título. Da mesma forma as misses candidatas da Itália e Suíça, que representavam estes países, mesmo tendo nascido no Brasil, puderam se candidatar a favor daqueles países, com os devidos documentos em dia como italiana e suíça.

valores, que eu posso ajudar a salvar vidas, isso pra mim é muito gratificante, não tem dinheiro que pague, (...) assim que eu puder associar (...) essa minha ida a uma licença, (...) eu vou, não tenha nem dúvidas, mas deixar isso, nunca, nunca, nunca, eu posso morrer, se tiver que escolher entre ir pra Europa pra ganhar dinheiro, viver de prostituição, porque eu gosto da prostituição também. [sic] (Elaine)

A fala de Elaine mostra o quanto estar inclusa na sociedade, com importância reconhecida pelo trabalho que realiza, é vital para sua sobrevivência enquanto pessoa. A dificuldade que Aleika expõe em muitas de suas falas, contradiz com sua trajetória de vida de sucesso. Desde os 15 anos, vem sendo alvo de olhares de todos. Ela tem uma facilidade e segurança na feminilidade que foi conquistada aos poucos. É exuberante e se gaba por ter uma família que a respeita, desde há muito, pela maneira como vem conduzindo sua vida e influenciando tantas outras travestis que vivem no Recife. Nem parecia que a dificuldade de trabalho também a atingia. Ela não gosta que falem que é GP<sup>3</sup>, assim como também Cris Couto quando se apresenta em concursos, principalmente porque realizam programas na Europa (Piscitelli, 2005). O motivo para tal é a visibilidade negativa que tem esta atividade:

(...) a maioria delas são quase que empurradas a isto pela falta de oportunidades em todos os setores produtivos. (...) melhor tratar deste assunto de maneira que possa trazer pra classe novas oportunidades de trabalho e não de maneira com que a classe possa ficar mal vista, pelo fato da maioria exercer esta atividade como uma forma de sobreviver, vc sabe que de certa forma podemos ficar vistas como eternas prostitutas e rotuladas como submundo. [sic] (Aleika)

Por isso, é importante falar de prostituição em duas vertentes distintas: uma delas é a atividade laboral que, por falta de oportunidade na escola e no mercado de trabalho, faz com que travestis, garotos e mulheres se dediquem a ela de forma cada vez mais constante, embora não regularizada pelo governo,

3 Garota de Programa.

mas oficializada como atividade profissional<sup>4</sup>.

Uma outra vertente é a que afirma ser a prostituição uma atividade prazerosa, que segundo Mejía (2006), além de significar um “extra” no final do mês, também proporciona prazer às pessoas, não só a quem paga por serviços sexuais como também a quem os oferece em diversas circunstâncias.

### **Pânico moral acerca da prostituição**

No que se refere a “pânico moral”, o Grupo da Vida (2005) desenvolveu um estudo afirmando que o conceito vem instigar inquietações populares em escalas maciças sobre determinadas questões sociais, pois, o medo se apodera das pessoas, levadas por determinados fatores, que podem ser “*empresários sociais ou a própria mídia*”. O Grupo da Vida sugere que sejam implementadas regras que se estabelecem em movimentos, cruzadas, “campanhas políticas em torno de determinadas questões morais e simbólicas, sem levar em conta a resolução justa e democrática do problema focalizado” (Grupo da Vida, 2005: 161-2).

A palavra pânico significa medo e quando relacionada à atividade aqui referida, trata-se, principalmente, do medo da decadência moral e social, o que gera mais ansiedade e confusão na hora de finalizar pesquisas cujas temáticas abordem questões que impliquem circulação internacional e gênero, como bem discute Aleika<sup>5</sup>:

Se eu fiz prostituição? (...) Até hoje eu faço. Faço por anúncio (...). Mas assim, faço da forma que me proteja o máximo entendeu? Claro que a gente não tem 100%

4 Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob categoria de nº 5198-05, a “Prostituição não é crime, e sim, uma profissão regulamentada pelo Ministério do Trabalho”, segundo Sérgio Rangel.

5 Como pesquisadora, devido a esclarecimentos realizados com as interlocutoras, me sinto à vontade para utilizar a palavra e não estar julgando negativamente as pessoas que realizam a prostituição, e embora a noção de pânico moral esteja presente em muitos discursos das próprias interlocutoras, elas estão cientes do que escrevo, até porque nem todas tem o mesmo cuidado que Aleika em relação ao uso da palavra prostituição.

de chance de tá seguro né? Que a gente sabe que corre vários riscos. (...). **Mas, eu também trabalho**, faço outros trabalhos como maquiadora, como cabeleireira, entendeu? Também trabalho com penteado e maquiagem, inclusive eu tenho curso pelo Senac (...) tanto o curso de maquiagem como de penteado. Tenho diploma (...) e sempre que aparece trabalho assim eu também faço. [sic] [grifo meu]

A interlocutora se refere a uma dicotomia clara entre “afazer” e trabalho. Ela faz prostituição e não valoriza suficiente esta atividade como tal. A expressão que utiliza “*mas, eu também trabalho*”, serve para falar do que entende como sendo realmente trabalho a ser realizado, com formação e titulação para tal. Neste sentido, o conceito “trabalho” pode ser entendido aqui como produto de formação escolar, tal como defende Pierre Bourdieu (1988). E, por todo um dispositivo que as discrimina pelo comportamento e pela aparência (Fernandez, 2004), muitas vezes ambígua (Silva, 1993, 1996 e 2007a ; Oliveira, 1994; Benedetti, 2005), ou “andrógina” (Mejía, 2006), é que os limites aos acessos a outras possibilidades de profissionalização são maiores, o que legitima muitas delas a não considerarem os programas que fazem como atividade laboral, principalmente quando estão com pouca idade e precisam se manter para sobreviver.

Nossas conversas foram cuidadosamente guiadas e tolhidas por Aleika para que sua atividade como profissional do sexo não aparecesse, e, embora tenha ciência sobre o trabalho que a sustenta há muito, deixa claro o pânico moral que tem quanto ao que realiza, algo que nem deve ser mencionado em sua casa, com os seus. Está claro que ela não concorda com o estigma que marca a prostituição, principalmente quando pede para não falar desta atividade, porque “pode dar mal visibilidade de um modo geral a classe”, embora aparente que não gosta do que faz, o que geraria, automaticamente, uma questão que parece simples e, não obstante, é complexa. O destaque nesta vertente é que muitas não se sentem bem com a atividade que exerceram ou que exercem, como afirma Ellen:

Porque eu não me adaptei à prostituição (...) [tenho] uma base forte na faculdade, no estudo, na família, eu achei que não (...) é minha praia, e assim, eu dei de impacto com os próprios travestis, o preconceito de travesti pra travesti, por exemplo (...).

A crítica feita por ela refere-se a uma realidade presente na prostituição e na desvalorização de toda sua formação em detrimento de um conhecimento de *ethos* específico do mercado do sexo. O trabalho das meninas requer dedicação exclusiva e disposição física para o *habitus* de um mundo diferente, principalmente, um mundo em que os códigos de fala são outros, em se tratando de outra língua, mesmo que, ao se aprender os códigos deste mundo, se percebe que as diferenças entre países são pequenas.

Todas as características que Ellen observara nas travestis brasileiras, enquanto estava na Itália, destoam do *glamour*, status e classe da qual passam a pertencer quando realizam viagens à Europa, retornam ao Brasil, e são intituladas e se intituam, aqui, de “européas”. Os conhecimentos de Ellen, construídos na família, na faculdade, além de habilidades financeiras adquiridas no trabalho no Recife, já não valem mais ao pisar em solo europeu. Principalmente num mundo de proxenetas, clientes e cuidados com a *estrangeiria*. Por isso, sua revolta por todo o conhecimento adquirido, ao verificar que esse conhecimento escolar não lhe serve na avenida, principalmente na Europa. Ela não queria mudar de atividade nem voltar à Europa, que lhe trazia más recordações. Mas, acabou por retornar mais uma vez.

Creio que o “pânico” que Ellen afirma ter da atividade prostitucional remete ao conceito que Lóic Wacquant desenvolve em “Corpo e Alma”, quando afirma ser o corpo do pugilista “seu instrumento de trabalho – arma de ataque e escudo de defesa – e o alvo do adversário” (2002: 148). Este último mais temido pelas “trans”, que tentam se proteger da violência urbana e dos estigmas da atividade que exercem, seja no Recife ou em qualquer cidade do mundo.

Ser alvo do adversário pode significar receber,

ao mesmo tempo prazer e dor (Figueiredo, 2008) no corpo, que pode ser “carimbado”<sup>6</sup> e elogiado, expressão de um sentido prático transgenérico, um *habitus* adquirido através de um comportamento de viagem, mas não apenas de viagem e, sim, de circulação e de prática de trabalho prostitucional que as põe em risco, pelo fato de se distinguirem, negativamente, de outras pessoas que fazem percursos similares e não se expõe tanto, gerando em algumas delas um medo intenso da atividade longe de casa.

Assim como os pugilistas de Wacquant (2000), Ellen e Aleika são

(...) extremamente conscientes quanto ao fato de ter entrado em um universo de exploração desenfreada em que a mentira, a manipulação, o ocultamento dos fatos e os maus tratos são a regra, e em que os danos ao corpo e o dismantelo da vida pessoal são consequência normais do ofício (2000: 128).

Assim, fica claro que a prostituição é um dos “idiomas” de exploração corporal levantados por Wacquant:

Do mesmo modo que a prostituta oferece nas ruas, por dinheiro, a capacidade de performance sexual de seu corpo feminino, o lutador vende a varejo a capacidade, resultante de treinamento, que tem o seu corpo masculino de causar e suportar abusos físicos entre as cordas do ringue. Os empresários e patrocinadores, por sua vez, ficam do lado de fora e colhem o grosso do dinheiro gerado por esse comércio de carne masculina (2000: 129).

A consequência da exploração está eivada na ideia de prostituição vinculada com o mal, uma “doença na sociedade” (Engel, 2004). Dessa forma, utilizo Fraser (2003), quando afirma que a “injustiça econômica está ligada a injustiça cultural” (Mattos, 2006:

<sup>6</sup> Posso utilizar esta palavra em dois sentidos. Um deles é a emblematização do feminino no corpo da travesti, como forma de erotismo e de conquistas de parceiros, ou parceiras, como enfatiza Ellen. Uma outra concepção diz respeito a contrair o vírus HIV, que é denominado ser *carimbado*, principalmente quando elas afirmam que alguém voltou da Europa carimbado, ou seja, com o vírus no corpo. Assim, ao mesmo tempo une os dois emblemas, europeia e Aids, bem e mal, vitória e derrota, signos de classe, *status* e poder.

146) e vice-versa. E isso fica bem claro no trabalho exaustivo das travestis fora do país. O que muitas vezes ocorre em situações de vulnerabilidade em que se encontram, mesmo estando em suas cidades, trabalhando no mercado do sexo, em que a exploração e a marginalização (Bandeira apud Oliveira, 2007) do trabalho, assim como a privação de determinados direitos – o direito de frequentar escola sem sofrer discriminação, por exemplo –, se estabelece como regra para que possam realizar determinadas inserções no mercado de trabalho.

Desta forma, além de injustiça cultural, as travestis sofrem uma injustiça econômica por se diferenciarem de garotos de programa masculinizados e de mulheres profissionais do sexo (Fernandez, 2004; Parker, 1990; Perlongher, 1993), feminilizadas, o que gera uma marca de preconceito e violência de gênero.

Pensar em injustiça cultural e econômica envolve também os princípios de diferença vinculados ao valorar as interlocutoras enquanto migrantes e profissionais do sexo. Por serem diferentes, embora com similaridades fortes com o masculino e o feminino, possuem desvantagens, pela ambiguidade cravada no gênero, representado pelo comportamento no e pelo corpo. Por serem diferentes de outros migrantes na Espanha, sofrem por não conseguirem representação nos coletivos e no acesso às leis daquele país. Por isso, têm menor chance de conseguirem outro trabalho que não seja em ruas e pisos, ou seja, no mercado do sexo.

Pensar em reconhecimento é importante aqui para entender as travestis brasileiras e o movimento entre nações. Axel Honneth (2003), analisando Hegel, afirma que o reconhecimento deve ser também intersubjetivo, enquanto “condição para o desenvolvimento de uma identidade positiva necessária para a participação na esfera pública”. As travestis intersubjetivamente reconhecem-se enquanto pessoas que desconstróem determinadas categorias de gênero, mas isso não exclui o processo de interação que desenvolvem com os seus pares envolvidos na

cadeia de redes de relacionamento que sustentam seu modo de vida, seja no trabalho fora do país ou mesmo aqui, quando lutam pela sobrevivência.

Esse processo de interação é quase uma obrigatoriedade para que se mantenham circulando entre países, assim como evidente nos “palcos” de seu lugar, o que define o reconhecimento da pessoa “trans”. Quem não acessa os meios desta interação, as pessoas que interligam as redes, não consegue estar em evidência, seja em pisos na Espanha, seja em casas de shows no Brasil, na mídia, em concursos ou mesmo na rua fazendo *trottoir*.

Esse reconhecimento intersubjetivo, analisado por Honneth (2003), pode se encaixar no desenvolvimento da identificação enquanto “trans”, mas vejo como não excludente da categoria de reconhecimento analisada por Nancy Fraser (2003). Pois, a busca de reconhecimento social pela qual as travestis vêm lutando, quando se trata de mercado de trabalho estigmatizado, acredito estar em íntima ligação com a luta por justiça social de reconhecimento de sua condição de gênero e de seres humanos que são e sofrem com “práticas discriminatórias institucionalizadas”<sup>7</sup> por se dedicarem ao mercado do sexo.

### **Prostituição como forma de estar na vida do outro**

Uma segunda noção de prostituição vem da ideia da atividade destacada por Elaine, quando relata o porquê de gostar do que faz, não apenas como complemento financeiro a seus trabalhos nos hospitais do Recife:

(...) Vê a visão que eu tenho da prostituição. Essa necessidade de importância que eu tenho pro meu paciente, que (...) me vê, gosta de que eu fure, (...) Essa doutora só fura uma vez. Essa doutora aqui não machuca (...) Isso eu saio tão feliz, tão feliz!, e eu escuto isso com frequência dos próprios médicos

7 Mattos, 2006: 150. op. cit. Fraser & Honneth: 29.

(...). Na verdade, pra mim fazer prostituição é muito mais que dar prazer sexual é você entrar na história de alguém, passar a ser importante na história de alguém (...), por exemplo, um cara que é executivo, que tem mil problemas administrativos, (...) aí encontra uma Elaine que vai dar carinho, que vai querer escutar o problema se ele quiser dizer, (...) que vai até opinar se ele permitir, porque eu tenho condição de fazer isso (...). Conclusão: Eu gosto quando o cara vai embora e diz “Pô que travesti legal, gostei de ficar com ele!” (...). Então, a visão que eu tenho da prostituição é essa, é você ser a fatia boa, é o lazer (...) (sic)

Nessa vertente, a percepção de Elaine de poder estar na vida do outro, participar como uma fatia importante que merece ser lembrada e novamente apreciada, e ainda poder pensar-se como podendo ter um momento de reconhecimento pela atividade que exerce, no hospital, dá a esta interlocutora uma distinção diferenciada das demais. Esta distinção foi construída por ela como uma “preferência estreitamente associada ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo)” (Bourdieu, 2007: 09).

Elaine conseguiu ultrapassar a fronteira que dividia a profissional do sexo da profissional enfermeira e ser uma pessoa só, enquanto travesti. Ela se distingue das demais, mantendo-se como profissional do sexo nas ruas de Olinda, e em seus plantões atende às colegas vítimas de violência sofrida na própria avenida, onde também “batalha” nas horas vagas. Atendendo também, na avenida, muitas das pessoas que circulam pelos hospitais, agora como clientes.

O fato de essa interlocutora ter podido estudar, fazer concursos, ter sido aprovada e de ter modificado seu corpo após a realização profissional conferiu-lhe um equilíbrio financeiro e tornou-a diferente em relação às demais, o que gera comentários maldosos sobre “não precisar” fazer programa, pois não compreendem o fato de Elaine ter um emprego fixo e ainda estar nas avenidas. Esta visão constitui um bom contraponto frente à noção estigmatizada de prostituição como atividade que deve ser rechaçada pela maioria da sociedade.

Há duas visões diferentes, a de Aleika e a de Elaine, sobre a prostituição, ambas realizando-a com constância, além de se dedicarem a mais de uma atividade.

Embora com formação no setor de estética corporal, Aleika é Miss e assim se identifica procurando manter uma imagem diferenciada de muitas outras no Recife. Realizou cursos de Línguas, aulas de Postura, curso de Cabeleireiro e Maquiagem para aprimorar sua performance nas passarelas de concursos de beleza pelo mundo, entendendo como *hobby* o que faz para se distinguir das demais:

Sempre adorei participar destes concursos por todo o Brasil, para mim é como um *hobby*! Adoro e vejo estes eventos de maneira muito positiva, pois mostram a beleza da gente como realmente deveria ser mostrado para a sociedade (...). Acho que deveríamos ser mostradas não como pessoas vulgares e sem nenhum escrúpulo, como vem sendo mostrado nos mais diversos sites e blogs pelo Brasil e exterior, acho uma grande pena que muitas das nossas t-gatas tenham que se expor tanto e por tão pouco para poderem se sustentar do seu próprio corpo. É evidente que eu também tenho clientes, mas de maneira mais discreta e procurando sempre ser mais sensual e sexy nas minhas fotos para os mais diversos sites, mas tudo de maneira equilibrada, sem vulgarização, sem distorções e sem deixar esta imagem de submundo. [sic] (Aleika. In: casadamaite.com.br)

Aleika e Elaine fazem parte de um mundo igual, das travestis do Recife que deram certo, por terem se destacado por algo que realizam na vida: Elaine por ser concursada em duas instituições públicas, o que é quase impossível em termos de cidade, estado e região, quando se trata de travestis. Aleika se destaca pela combinação de beleza e desenvoltura, e ao mesmo tempo pela sua dedicação em manter-se em contato com pessoas bem relacionadas e ligadas a concursos de beleza e eventos que lhe dão destaque, como revistas e jornais em que ela aparece com frequência. Por isso, pelos concursos diferenciados e conquistados, nunca mais elas “voltam ao anonimato” (Sant’anna, s/d: 06), o que as distingue das demais que não tiveram oportunidade de concluir a escolaridade necessária para isso.

## A famosa do Ceará

Neste ponto do texto vou tratar de outra famosa: Vivian, cearense de Maracanaú, que conheci em Madri. O conceito de performatividade (Butler, 2003) cai bem neste momento em que distingo as “trans” famosas das demais que não conseguiram acessar este universo do glamour e das conquistas em termos de trabalho. Performatividade como estabelecimento de normas repetitivas em um mercado de circulação internacional de travestis brasileiras, que buscam trabalho e prestígio segundo uma atividade que paralelamente possam assumir e que seja distinta da prostituição, que, segundo vertentes diversas, permanece em suas vidas.

Além de títulos e premiações encontrados em seu perfil na *internet*, outras experiências proporcionaram reconhecimento para Vivian:

Antigamente eu trabalhei como colunista de jornal da minha cidade, radialista, já fiz show nos eventos da prefeitura... (...) eu tinha uma coluna no jornal que falava da beleza masculina, da beleza feminina, da beleza gay. Trabalhava no programa de rádio da minha cidade também. (...) E fazia shows na frente da prefeitura em praça pública, que eu fui o primeiro travesti da minha cidade a participar do *Cultura em Movimento*, do Departamento de Cultura. Já fui Miss Gay da minha cidade. (...) fui coroada em praça pública pelo prefeito, entendeu? Aí fazia shows, eventos sociais, por exemplo, concurso de mulher, concurso de homem, concurso disso e concurso daquilo, sempre me chamavam para os *buffets* pra fazer os shows entendeu? Porque o pessoal ia muito pelo show. Aí tinha toda aquelas famílias assistindo as filhas concorrendo e ao mesmo tempo assistia o show entendeu? Aí, agora, antes de eu virar travesti eu trabalhei numa companhia de alimentos, numa granja, e trabalhei um mês como cobrador de ônibus intermunicipal, Fortaleza – interior, entendeu? (...) **E estudei né?** Estudei o segundo grau e depois participei do movimento estudantil quando era rapazinho, em meu colégio fui o presidente e fundador do Primeiro Grêmio. (...). Até queria que eu fizesse carreira política, mas não era isso não. Eu tava fazendo isso porque era até um incentivo pra eu tá estudando, aquelas coisas, entendeu? (grifo meu) (sic)

Vivian é uma das “trans” que se tornaram famosas com a atividade que exerceu e que garantiu sua

visibilidade através do humor, tão característico das pessoas do Ceará, como ela mesmo afirma. Nestes eventos, estar perto e sendo amiga de políticos locais foi uma estratégia de busca de reconhecimento perante a própria família de origem, que valorizou sua trajetória e reconheceu sua fama. Assim como Elaine, Vivian iniciou sua carreira de sucesso através de trabalhos que não estavam ligados à prostituição, e nem inicialmente ao corpo. Ambas utilizaram habilidades próprias. Estudaram, terminaram o Ensino Médio<sup>8</sup> e iniciaram suas carreiras de forma a mostrar que as habilidades poderiam se transformar em trabalhos reconhecidos socialmente. Obtiveram reconhecimento de suas competências através da aprendizagem, enquanto “capital cultural adquirido”, na prática escolar institucional que as fizeram adiar muitos de seus sonhos mais imediatos. Habilidades estas, seja na performatividade, na escrita e na oratória que lhes proporcionam distinção perante muitas travestis, o que mais a frente se amplia quando se chega ao que considero o ápice da distinção na travestilidade.

## Concursos de Misses: o caso do MIQ e MTI<sup>9</sup> 2007

O objetivo deste item é apresentar o MIQ 2007, Tailândia, em comparação com o MTI que ocorreu no mesmo ano em Madri. Para isso, utilizo dados obtidos através de Aleika, assim como veiculados pela TV tailandesa, que transmitiu o evento ao vivo para os telespectadores que não puderam ir à casa de *shows Tiffany's*<sup>10</sup>, na cidade de Pattaya. E informações

8 Antigo Segundo Grau.

9 *Miss International Queen*, que ocorre na Tailândia. Escolho informar sobre este determinado concurso porque foi o único em que obtive informações exatas. O segundo concurso é o MTI, *Miss Transsexual Internacional*, que ocorreu em Madri no mês de junho do mesmo ano.

10 O *Tiffany's* é uma casa de shows onde 90% dos funcionários são travestis, além das apresentações de trans do mundo todo. Segundo seu próprio *site*, está na lista das dez melhores casas de shows do mundo. Apenas perde para o *Moulin Rouge* de Paris, em primeiro lugar, *Siegfried & Roy* e *Misters de Las Vegas*, segundo

de Cris Couto, jornais que veicularam a notícia e alguns anúncios sobre o MTI na imprensa espanhola e brasileira.

Para participar de um Concurso de Miss é preciso primeiro querer participar, mas, em segundo lugar, o querer fica condicionado ao perfil estipulado para tal, porque se você não tem as medidas designadas pelo padrão determinado não é possível nem realizar a pré-inscrição. As medidas não têm muito a ver com o modelo de “perfeição corporal” em que 90-60-90<sup>11</sup> podem ser o “máximo”<sup>12</sup> para a candidata, pois é possível ver claramente medidas nada convencionais, em que, por exemplo, as “trans” se apresentam com suas adiposidades, como demonstrou no MIQ a candidata Sofia Montana, do México, ou mesmo Jazmine International, de Porto Rico.

Os gastos com o MIQ se iniciam com a taxa de inscrição (*online*, no valor de duzentos dólares), passagens aéreas e terrestres, traje típico, roupas de gala (duas), roupas de uso diurno (várias), cabelo, maquiagem e maquiador<sup>13</sup>, sapatos, jóias adequadas para cada tipo de roupa e ocasião, sandálias para cada dia/noite, tipo de evento e local, roupas para apresentação artística etc.

Na apresentação veiculada pela TV da Tailândia, se percebe que apenas as roupas de banho deveriam ser vermelhas, o modelo dependia de cada candidata. As roupas de dia eram padronizadas: blusas verdes com calças brancas, para combinar com a temática do evento diurno, da cidade de Pattaya, assim como do país: a Preservação Ambiental.

Uma semana antes, as 24 candidatas<sup>14</sup> passaram

---

e terceiro lugares, respectivamente. Mas, na Tailândia, é a maior casa de shows, principalmente quando se refere a shows de travestis, comparada apenas ao Moulin Rouge, segundo Aleika.

11 Medidas respectivas para busto, cintura e quadris.

12 Em termos de medidas máximas, não podendo ir além destas.

13 Foram de grande valia, para Aleika seus conhecimentos de maquiagem do curso que fez no Senac, pois, enquanto dividia seu maquiador com outras candidatas, misses Suíça e Itália, ela dava um jeito em si mesma, com o que já sabia, o que lhe garantiu uma boa apresentação no evento.

14 Bruna Cabral – Suíça, 20. Camila Pryn – Suíça, 28. Natasha Lim – Malásia, 30. Raim Marie – Filipinas, 24. Melania Armen-

por uma maratona de provas: ensaios de passarela, idas a bosques, parques temáticos, zoológicos, parques ambientais, praias, zonas de preservação e áreas onde o desmatamento está mais a céu aberto foram visitadas pela equipe de candidatas, para passeio e filmagem, além de palestras sobre crimes ambientais e preservação, que, segundo Aleika, tinha como objetivo testar a capacidade intelectual delas, porque o “intelecto ajuda muito para participar”.

No caso do MIQ, o padrão é ser “trans”, independente de ter realizado a cirurgia de transgenitalização. Na versão 2007 não houve limite de quantidade de inscrições por país.

O show de apresentação noturna do MIQ se iniciou com uma apresentação artística da Miss México, ganhadora do título de 2006 e já contratada da casa. Os apresentadores eram um casal, em que a moça fora miss no ano anterior. As línguas faladas foram o tailandês e o inglês, segunda língua do país. Uma tela por trás dos apresentadores mostrava os patrocinadores oficiais do evento. As candidatas foram chamadas em seus trajes típicos, mas nem todas foram ao palco, por causa da quantidade dispar e entre candidatas e países. Logo após a apresentação das candidatas em trajes típicos foi apresentado o Corpo do Júri.

O traje típico de Aleika caracteriza muito bem a variedade encontrada na natureza do Brasil. Mostrase, parafraseando Pequeño (2004), como “*folklórica*”, em que tudo é aplique. Em homenagem à floresta amazônica, a beldade pernambucana tem em seu vestido borboletas, tigres, sapos, cobras, rosas, flores, folhagens numa base verde, copiada de um modelito da Miss Rio Grande do Sul que representou o Brasil

---

ta – Colômbia, 25. Perla Quigaman – Filipinas, 34. Sofia Montana – México, 20. Gresia Rivas – Venezuela, 36. Ruby Bella Cruz – Costa Rica, 27. Francine Garcia – Filipinas, 20. Akanchya Moktan – Nepal, 21. Ai-Haruna – Japão, 30. Tanyarat Jirapapakon – Tailândia, 21. Anjali Lama – Nepal, 23. Bhumika – Nepal, 19. Aleika Barros – Brasil, 28. Chanel Madrigal – Filipinas, 28. Shima Shyna – Japão, 26. Joana Ingrid – Filipinas, 24. Ireen Sue – Alemanha, 31. Melanie Robles – UK Reino Unido, 26. Patrícia Binotto – Itália, 30. Jazmine International – Porto Rico, 28. Beni Tsukishima – Japão, 32.

em um dos concursos de Miss Universo.

Em outros blocos, as candidatas apresentaram-se uma a uma, como de costume, aparecendo na tela um quadro no qual estavam colocados seu número, idade, e medidas, em inglês.

Da mesma forma como em um concurso de garotas e rapazes, o MIQ elege Miss Simpatia<sup>15</sup>, Miss Fotogenia<sup>16</sup>, Melhor Vestido de Noite<sup>17</sup>, Melhor Traje Típico<sup>18</sup>, Miss Voto Popular<sup>19</sup>, Melhor Talento em Show<sup>20</sup>, em concursos realizados na semana do evento e não na noite de gala em que se escolhem as misses propriamente ditas para todo o mundo. Dessa forma, as Filipinas saíram ganhando com suas cinco candidatas.

Os shows de todas as concorrentes só puderam ser visto por quem teve acesso via *internet* ou estava na Tailândia e no *Tiffany's* nos dias e no momento do evento. Uma ressalva: para se ter acesso à casa de shows na noite final do evento foi preciso desembolsar entre trinta e quarenta dólares (US\$30 ou US\$40), sem contar com as apresentações das mesmas candidatas em noites anteriores, que valeram pontuação no concurso. Um negócio muito lucrativo.

No evento de Madri, MTI 2007, o valor da entrada foi de vinte e cinco euros (€25) por pessoa, valendo apenas para uma noite, já que o evento não teve etapas anteriores à noite de gala. Como o da capital da Espanha é um evento iniciante, creio que o da Tailândia cobrou um valor bem superior àquele, até pelo fato de ter patrocinadores de peso. Com outra configuração, em termos de organização e premiações, assim como de divulgação, o MTI 2007 faz parte de uma série de outros concursos a que as cidades do mundo todo, principalmente as da Europa, aderem, com o objetivo de movimentar o mercado de concursos oficiais, além de mostrar as mais variadas

possibilidades de inserção na categoria de concursos chamados universais, ou mundiais, que hoje têm destaque.

Vale salientar que o evento da Tailândia é todo financiado pela iniciativa privada (internacional, nacional e local<sup>21</sup>). Assim, trata-se de uma “estratégia de marketing de empresas que as promovem” (Sant’anna, s/d: 03). O que, conseqüentemente, gera publicidade. Primeiro, através da mídia internacional, que disponibiliza na *internet* as imagens, as votações e os eventos preparatórios para a noite de gala. Depois, através da divulgação que as próprias candidatas fazem em seus países e nos países em que circulam, na maioria das vezes pela Europa.

As brasileiras que estavam no MIQ, representando a Suíça, a Itália e o Brasil são as chamadas “*européas*”: “trans” brasileiras que circulam pela Europa para trabalhar e, pelo tempo que permanecem por lá conseguem, de diferentes maneiras, visto permanente.

O MIQ se prolonga por mais uma semana, para a realização de atividades que as três primeiro colocadas devem cumprir, como ir a cada patrocinador agradecer formalmente, encontrar-se com a imprensa divulgadora do evento, e com outros canais de divulgação, conceder entrevistas. Pois, como todos os outros concursos de misses no mundo todo, geram dividendos para o país.

Fazer parte do mundo das misses é ponto para o currículo. Com isso, se adquire mais distinção. Outras oportunidades aparecem para as candidatas: seja para atuar em filmes eróticos<sup>22</sup>, participar do corpo de jurados em outros concursos, ou mesmo para introduzir-se em universos antes pouco acessados pelas trans brasileiras, como a *internet*, território

15 Ireen Sue – Alemanha.

16 Melania Armenta – Colômbia.

17 Chanel Madrigal – Filipinas.

18 Tsukishima – Japão.

19 Rain Marie – Filipinas.

20 Gresia Rivas – Venezuela.

21 Dentre elas, Coca-Cola, Sistema de Correios de Tailândia, Caring Heart Aids Foundation, Indústrias de Cosméticos local, USA Pageant, Host of Morning T., L.G., dentre outras.

22 O filme “Me Chama Que Eu Vou”, conta com a participação de Myriane Ribeiro, Miss Bahia Gay, Miss São Paulo Transex e Miss Brasil Transex em 2005, evento este que Aleika fez parte como, jurada. E Monik Lorrán, Miss Piauí Gay e Miss Norte/Nordeste Transex 2005.

rico para análise da travestilidade atual, e território de passagem para um outro universo de acesso a clientes e pares.

Além disso, participar de concursos é uma maneira de construir a identificação de si enquanto “trans”, e também enquanto brasileira, principalmente porque as que têm como referência a condição de *miss* participam de forma diferenciada do mundo do espetáculo e do glamour, ficam bem mais visíveis em revistas, filmes e eventos nacionais e internacionais de travestis. Pois, ser brasileira deixa de ter destaque negativo, como o de ser puta na Espanha, como afirma Cris Couto antes do concurso em Madri, sobre isso ela comenta:

(...) porque eu quase não falo que sou brasileira, às vezes eu falo que sou portuguesa. Porque? porque eu já falei muitas vezes que eu sou brasileira e eles já comentam com o amigo e falam “É puta!” (...) Eu não gosto de tá em um lugar e ser *a puta*. E quando alguém pergunta eu falo que não trabalho.

Assim, era interessante para ela não afirmar-se como brasileira. Daí amenizando a questão da identidade profissional que estigmatiza a comunidade feminina, inclusive as travestis, com exceção das misses, condição que pede orgulho pela nacionalidade, embora não da atividade realizada antes das passarelas.

Para Pequeño (2004), o corpo da *Miss* se converte, no concurso, no ícone simbólico da identidade nacional. Neste sentido, o fato de haver uma super valorização, no caso do MIQ 2007, as candidatas brasileiras, assim como de outras nações, embora não representando outros lugares além do seu, parece indicar que estamos vivenciando uma perpetuação da imagem de nação sexualizada. Mas, esta visão só é possível porque, ao analisar o fato, sabia de antemão que as candidatas da Itália e Suíça eram brasileiras; e mesmo que o pessoal da organização soubesse que elas nasceram no Brasil, a plateia e os jurados provavelmente não tiveram acesso a essa informação, o que talvez não interferisse no resultado final.

Estar participando de concursos de misses proporciona a Aleika e a Cris Couto, embora em lugares e destaques diferenciados, ultrapassar uma etapa de *status*, e se alçar a outro nível que distingue estas travestis de outras brasileiras que circulam pela Europa, e principalmente das que não conseguem ter distinção, seja de que maneira for.

Poder participar de eventos como representante da **beleza nacional** [grifo meu], como é o caso de Aleika, e por isso ser respeitada, ou mesmo discriminada, entre as demais, pela referência de europeidade, é ganhar reconhecimento de classe, ser distinta. É trazer para casa, seja aquele apartamento que divide com a mãe e o irmão ou mesmo as páginas de jornal que expõem sua beleza “trans” brasileira, o troféu como “objeto enclasante” (Bourdieu, 1988: 13).

O troféu obtido por Aleika fica na mesinha da sala, onde todos, ao entrar, descobrem o que a diferencia das demais, mesmo que seja a mesma sala, os mesmos móveis, a mesma televisão, mas não o mesmo vídeo exibido, nem o mesmo bibelô destaque. O troféu de Aleika pode ser comparado a uma obra de arte, porque adquiriu um potencial corporal pelo título de beleza internacional em que ela competiu e representou o nome de uma nação – o Brasil. Obra de arte, porque foi produto de um empenho, mesmo não pensado pelo autor da obra, mas incorporado pela candidata que, mesmo em segundo lugar no concurso, dispõe a representação de sua vitória em destaque para a admiração de todos.

Participar desses eventos proporciona, ainda, poder cobrar um valor maior do que as demais “trans” quando na atividade de profissional do sexo, ou seja, o mais novo título aumentou o seu valor como profissional. É uma forma de ser reconhecida pelo trabalho que realiza, pelo tempo de dedicação, a construção e manutenção do corpo, assim como o controle de uma imagem que é pública.

No MTI, Cris Couto inicia sua primeira participação em concursos de beleza de grande porte. E o primeiro, logo após termos conversado. Segundo jornais

escritos, como *Folha de São Paulo* (Caderno Mundo, 28/06/2007), de divulgação também pela *internet*, ela mostra sua profissão “oficial” – cabeleireira –, mas não a atividade que exerce na cidade espanhola, como já exerceu em outras cidades européias, a prostituição. E o que une seu discurso com o de Aleika é que ambas negam publicamente a atividade no mercado do sexo em que estão envolvidas na Europa e no Brasil.

Vejo que além de ter adquirido uma outra identidade, a de Miss, Aleika adquiriu um outra postura, e com isso um *habitus* de classe e gosto, assim como Cris Couto, tal como afirma Bourdieu (2007), diferenciado das demais travestis do Recife, e de muitas do Brasil. Gosto este que estabeleceu nela distinção, enquanto

(...) disposição adquirida para ‘diferenciar’ e ‘apreciar’ (...), para estabelecer ou marcar diferenças por uma operação de distinção que não é – ou não necessariamente – um conhecimento distinto, (...) já que ela garante o reconhecimento (no sentido comum) do objeto sem implicar o conhecimento dos traços distintivos que propriamente o definem. (Bourdieu, 2007: 434)

Um objeto que observo como diferente em seu apartamento, além do troféu obtido no concurso internacional, é o teclado. Uma das vezes que a visitei, questionei quem ali se dedicava às artes musicais. Pensei que seu irmão era músico ou mesmo tocava da Igreja na qual fazem parte, mas era Aleika mesma que comprou para adquirir cultura erudita. Mais um aspecto de distinção que faz da prática de um instrumento musical a determinação de classe que possui esta interlocutora. Mesmo que, na realidade, a prática do instrumento não seja contínua. Ou seja, independente de seu uso, é uma tentativa de encontrar mais uma forma de distinguir-se das demais.

Cris Couto não quer se comparar a outras candidatas, como as *drags* em seus trajés “exagerados” e pouco femininos, pois, como ela mesma afirma, já passou por esta etapa, quando ainda não tinha modificação corporal alguma. Em sua

representação, fica claro que nos concursos – *gays* e *transex* – se encontram diferentes pessoas, destacadas em diferentes modalidades de gênero e identidade, mas concorrendo a apenas uma categoria, que elege apenas um/a campeã/o. Ser *drag-queen* é diferente de ser travesti ou transexual, embora nos concursos não importe muito o processo de modificação corporal e construção de cada identificação e pertencimento de pessoa, porque não se desnuda, nem há critérios que possam medir as diferenças ou semelhanças.

Aleika já participou de concurso *gay*, mesmo como travesti, como também *transex*<sup>23</sup>. Contenta com o título na Tailândia, afirmou, em seu *blog*:

Somos vices. o Brasil levou segundo lugar com gosto de primeiro no miss universo na Tailândia, arrazamos por aqui... Foi tudo lindo, tinham 24 candidatas e ficamos em 2. lugar no concurso das mas belas, o site da globo.com hoje trazia a seguinte manchete na pagina G1 Rainha- Brasileira leva 2.lugar no miss transexual. Adorei tou super feliz apesar que os comentarios aqui é que as brasileiras sao belas e mereciam o titulo, mas a Thaiandesa era linda tambem e arrazamos todas aqui fico agora 8 dias na thailandia pra entrevistas em jornais, tvs e rádios. por aqui será uma semana super corrida (...). [sic] (Aleika, 11/11/2007)

Couto deixa claro para que veio, para chamar a atenção e ser destaque pela sua mais nova aquisição, o corpo recém-modificado<sup>24</sup> e sua beleza de menina recém formada corporalmente, dando entrada ao mundo das misses. Mostra-se ambígua em sua fala, quando afirma que as “trans” não precisam se prostituir na Espanha para sobreviver, mais uma estratégia para se destacar como diferente das demais que buscam fama, glamour e reconhecimento pelo que conquistam. Uma fala de Cris Couto, concedida em entrevista a esta pesquisadora, deixa claro sua situação. É uma entrevista bastante diferente da que concedeu após receber o título de Miss, na qual não

23 Categoria utilizada nos concursos de beleza, que travestis, transformistas, *top-travesti*, *t-girl*, *t-gata* participam.

24 Quando realizei a entrevista com a candidata, ela já possuía peitos, colocados por uma amiga, em Madri. Pouco antes do concurso modificou o corpo mais uma vez, o que acredito ter contribuído para que ela os mostrasse ao público do evento.

se inibe em falar de suas atividades:

Quando eu cheguei aqui na Espanha ainda fazia cabelo das trans, (...) mas também ganhei muito pouco dinheiro (...), paga muito pouco, a gente não é valorizada. Já que não tem valor, então vou fazer uma coisa que não tem valor? (...) Em Portugal já fiquei livre um pouco, só que como tinha família eu me sentia mal. Aqui não tem nenhum familiar meu, só tem muitos amigos meus. Depois que eu entrei nessa vida eu fiquei mais liberta entendeu? Porque eu era um pouco fechada, eu era um pouco recatada entendeu? (...) No Brasil eu não sabia o que era o mundo das trans. (...) Cheguei, fui trabalhar em uma casa, o primeiro lugar onde me prostitui foi aqui. Por quê? Porque eu trabalhava, ganhava 1.500 euros no salão, pra mim era pouco. E isso é o que eu faço a cada dois dias, entendeu? (...). Trabalho de vez em quando agora, quando eu quero. Não preciso trabalhar todos os dias. Não tenho anúncio mais. Trabalho numa agência de *escorte*<sup>25</sup> (...) onde tem clientes da Inglaterra, americanos. Ela [a dona da agência] me liga, vou pro hotel com o cliente, fico algumas horas e ganho um bom dinheiro. (...) trabalhei na rua também [Casa de Campo e Castellana]. [sic] (Cris Couto)

Essa sua fala mostra o quão discriminado é a prostituição para as “trans”, embora constitua uma atividade reconhecida pelas interlocutoras como profissional, mas difícil de ser dita como tal para uma estranha, como eu, ou para um periódico de circulação nacional e internacional. Ser prostituta ainda é estigma, e como estigma (Goffman, 1963) é algo que quem busca reconhecimento e fama através de sua beleza corporal não ousa admitir.

Ser Miss é muito mais interessante, pois quem foi coroada tem no currículo experiência, categoria que ressalta as qualidades do ser pessoa “trans” nas interlocutoras e as tornam visíveis perante a sociedade, como ressalta Aleika:

C: Tentaste outras vezes o concurso Transex?

A: Não, porque a primeira vez que eu tentei eu já ganhei, né? Da primeira vez. (...) Então não é válido pra

mim ganhar uma coisa que eu já tenho né? Um título que eu já tenho. (...) O que vai valer é o que eu falei, que é o lado de reconhecimento das pessoas e é poder mostrar um outro lado que as pessoas não conhecem. Mas a nível econômico não é uma coisa tão válida entendeu? [sic] (Aleika)

Ser Miss fica marcado como o fato de ter dado certo na vida, mas ser Miss com título e não apenas como candidata, pois, quem é Miss o é por toda a vida. É possível aqui fazer uma comparação entre ser Miss e Presidente de uma nação (Da Matta, 2007), pois ambos, ao se elegerem, são reconhecidos e distintos por toda a vida. Assim sendo, Miss e Presidente nunca mais voltam ao anonimato.

Quando se trata de concursos de *Miss Transex* mundo, o próprio jornal que veiculou notícias do MTI 2007 destaca o evento como “concurso singular”, embora igual a qualquer outro concurso de beleza, em que não se exige “inteligência”. Na fala de uma das juradas do MTI, e ícone da música origem na Movidá madrilenha, Alaska: “pedimos (...) que sejam (...) apenas bonitas”. Ou seja, não interessa outras ocupações ou etapas pré-concurso.

Querer ser vista, não apenas nas ruas, pelos homens e pelos pares. Querer ser apreciada pelo empenho na construção do corpo e pela educação desse corpo, com movimentos cada vez mais femininos, principalmente o movimento da mão da Miss quando saúda o público, no momento da coroação. É algo que persegue qualquer uma que vá tentar a vida no território do outro, a Europa. Dessa forma, ter destaque enquanto travesti brasileira, no Brasil ou no exterior, é fazer da atividade uma distinção. Mas, para isso as travestis que ouvi precisaram ultrapassar as barreiras do estigma que a prostituição lhes imprime, e, mais que isso, provar que são competentes para alcançar patamares superiores aos determinados quando se trata de pensar a travestilidade. Elaine concursou-se enfermeira, Ellen associou-se com um amigo e abriram uma locadora erótica e *sex-shop*, o que se ampliou em número. Aleika, Vívian e Cris Couto conseguiram brilhar nas passarelas dos

25 Escorte é uma agência de encontros em que as travestis, ou mulheres e garotos de programa são agenciados para fins de atividade sexual. Nos escortes pode haver um espaço fixo, casa ou apartamento que serve para encontros amorosos, ou apenas a intermediação entre as partes interessadas. Quem gerencia o escorte pode ser a mesma pessoa que agencia as travestis, mulheres ou garotos de programa, de seu lugar de origem.

concursos de beleza, nacional e internacional. Com isso, fugiram da marginalidade que ronda a figura da travesti que faz programa.

Conquistando, ou não, a identidade de *européas*, essas travestis se distinguem das demais por se dedicarem a atividades que as diferenciam, pelo fato

de terem conquistado outros mundos. Mas, para isso, como vimos até aqui, tiveram que trilhar caminhos ambíguos e transgressores.

---

## Referências

- BENEDETTI, Marcos Renato. (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond Universitária.
- BOURDIEU, Pierre. (1988) *La Distinción*. Madrid: Taurus.
- \_\_\_\_\_. (2007). *A Distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk.
- BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DA MATTA, Roberto. “Da Matta”. Entrevista concedida ao site <<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=98587>>. Acessado em 26/02/2007 17h57.
- ENGEL, Magali. (2004). *Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro – 1840-1890*. São Paulo: Brasiliense.
- FERNANDEZ, Josefina. (2004). *Cuerpos desobedientes. Travestismo y identidad de género*. Buenos Aires: Edhasa.
- FIGUEIREDO, Adriana. (2008). *Das narrativas da dor. Um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na Experiência da Travestilidade*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife.
- FRASER, Nancy & HONNETH, Axel. (2003). *Redistribution or recognition? A political-philosophical exchange*. London/ New York: Verso.
- GOFFMAN, Erving. (1963). *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Edições LTC.
- GRUPO DA VIDA. (2005). “Prostitutas, ‘traficadas’ e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o ‘tráfico de seres humanos’”. In: *Cadernos Pagu*. n. 25, p. 153 184 Jul./Dez.
- HONNETH, Axel. (2003). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed 34.
- MATTOS, Patrícia. (2006). *A Sociologia política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser*. São Paulo: Ed. Annablume.
- MEJÍA, Norma. (2006). *Transgenerismos. Una experiencia transexual desde la perspectiva antropológica*. Barcelona: Edicions Bellaterra, Série general universitária.
- OLIVEIRA, Neuza Maria de. (1994). *Damas de Paus – o Jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*. Salvador: Centro Editorial e Didático.
- OLIVEIRA, Aurenéa Maria. (2007). “Globalização, Multiculturalismo, Pluralismo e Diferença: a intolerância praticada contra as prostitutas adultas e infante-juvenis no município de Serra Talhada”. In: *Anais eletrônicos... I ENCONTRO REGIONAL EM HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL*. Recife: UFRPE/DLCH/GEHISC. Pp. 20 a 35.

- PARKER, Richard. (1990). *Corpos, Prazeres e Paixões — A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best-Seller.
- PEQUEÑO, Andrea. (2004). “Historias de misses. Historias de naciones”. *ICONOS*, número 20. FLACSO. Pp. 114 – 117.
- PERLONGHER, Nestor. (1993). *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- PISCITELLI, Adriana. (2005). “Viagens e sexo on line. A internet na geografia do turismo sexual”. In: *Revista Pagu*. (25) Julho-dezembro. Pp. 281-326.
- SANT’ANNA, Mara Rúbia. (s/d). “Concurso de Beleza. Discursos e Sujeitos”. In: III COLÓQUIO NACIONAL DE MODA. UDESC. Santa Catarina, Brasil. Pp. 01 a 17.
- SILVA, Hélio. (1993). *Travesti: A invenção do feminino. Etnografia*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará/ISER.
- \_\_\_\_\_. (1996). *Certas Cariocas. - Arenas do Rio: Travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, Prefeitura.
- \_\_\_\_\_. (2007). *Travestis. Entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.
- WACQUANT, Loïc. (2002). *Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- \_\_\_\_\_. (2000). “Putas, escravos e ganhões: Linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais”. In: *Revista Mana*. 6 (2), p. 127-146.